



THEODOR GONÇALVES FONSECA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II

A OUSADIA DE SER E EXISTIR, “NÃO SEREMOS TEMAS DE TCC, TEREMOS OS NOSSOS”: A CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO CINEMA BRASILEIRO

Santa Maria, RS

2021

THEODOR GONÇALVES FONSECA

A OUSADIA DE SER E EXISTIR, “NÃO SEREMOS TEMAS DE TCC, TEREMOS OS NOSSOS”: A CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO CINEMA BRASILEIRO

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda, Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel de em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^ª. Me. Claudia Buzatti Souto.

Santa Maria, RS

2021

**UNIVERSIDADE FRANCISCANA
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

A COMISSÃO EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA A MONOGRAFIA

A OUSADIA DE SER E EXISTIR, “NÃO SEREMOS TEMAS DE TCC, TEREMOS OS NOSSOS”: A CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO CINEMA BRASILEIRO

Elaborado por

THEODOR GONÇALVES FONSECA

COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Me. Claudia Buzatti Sounto - UFN
(Presidente/Orientador)

Profa. Dr.^a. Michele Kapp Trevisan – UFN

Prof. Me. Carlos Alberto Badke - UFN

Santa Maria, RS, 18 de julho de 2021.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível não agradecer, seria bem possível um desperdício de tempo não pensar no quão grato eu sou, escrever agora então, se torna um momento para agradecer em palavras (limitadas) quem me deu uma mão amiga durante a minha trajetória. Eu não pedi para nascer, aliás ninguém pediu, mas o que fazemos com nossa vida, o que fazemos com essa existência torna-se portanto nossa responsabilidade: se encontrar no mundo, dar um sentido de pertinho parece até fácil, mas quanto mais se pensa a complexidade é estrondosa, como o nascimento-morte das estrelas, pelo menos para mim a metáfora se encaixa. Sem mais devaneios, dedico aqui minha gratidão ao Universo, pois sem fé acredito que é fácil de se perder nessa vida, meu muito obrigado ao cosmos por me contemplar com essa formação.

Quero agradecer de todo coração a minha mãe Sônia que teve a sensibilidade e compreensão de estar ao lado de um filho trans, obrigado por me apoiar e me incentivar a correr atrás dos meus sonhos, mãe. Também agradeço ao meu irmão João Batista que foi o ser humano mais incrível que eu já conheci, desde o início me defendeu bravamente corrigindo todos da família quando erravam meu nome, João eu sempre vou ter algo novo para aprender contigo, my brother. De tantas pessoas que fizeram ou fazem parte da nossa vida, deixam um pedacinho dela em nós, meu avô Nilo (in memoriam) foi essa pessoa, posso dizer com certeza que é a minha maior referência de homem, sei que de algum lugar tu pode me ver e sentiria orgulho da pessoa que me transformei.

Também deixo meu singelo agradecimento a vovó Madalena que com todo amor do seu jeito me apoia e reza por mim, sou muito privilegiado por ter tanto amor. Agradeço por todos da minha família Gonçalves que aceitaram e me acolheram quando eu me senti sozinho e com medo do futuro. Além disso, mais uma vez faço uma ressalva para o Universo, porque de alguma forma ele movimentou duas pessoas para se encontrarem, me presenteou com um amor que eu jamais pensei poder viver. Obrigado por existir Jéssica, obrigado por fazer parte da minha vida, teu amor, nosso amor é sol em domingos nublados. Deixo meu agradecimento a uma amiga que fez uma “baita” diferença nos meus processos de ser, Gabi “somos uma maré viva”, como canta a Fresno, tua amizade foi força durante as dificuldades, teu incentivo me motivou a seguir, não vai ser uma ondinha que nos afogará. Seria injusto não guardar um canto para agradecer aos não humanos, minhas felinas Naomi e Lupita, amo vocês. Sei que os animais podem e muito nos ensinar muito com respeito, empatia e solidariedade, obrigado por serem minhas companheiras e tornar a vida mais leve com suas brincadeiras.

Aliás, não poderia esquecer das pessoas da faculdade que se tornaram mais que colegas, e sim amigos/as que acreditam no teu potencial para alçar voos, obrigado Daiane por toda tua humanidade e amizade, eu torço por ti tanto quanto sinto que torces por mim. Agradeço ao tempo que pude ser amigo fora dos muros da UFN, Wellington (in memoriam) tu foi o amigo que eu queria ter desde a infância, obrigado pela amizade, meu querido. Ademais, agradeço muito a minha profe e orientadora Claudia por topar essa árdua empreitada, obrigado por ser a profe que escuta com o coração e quando necessário também nos puxar a orelha como advertência.

Agradeço também a todas profes e os profes do curso de PP que compreenderam do seu modo e tempo, que havia um aluno trans presente. Agradeço porque o reconhecimento de ser alguém como eu estava me reconhecendo, foi imprescindível para eu não desistir da faculdade. Sobretudo, vou destacar uma situação real que me ocorreu no primeiro semestre de 2019, nas voltas às aulas. Era o meu primeiro ano como Theodor, organizei toda parte burocrática em relação a documentações, e estava bem ansioso se daria certo, depois que recebi minha certidão de nascimento com o meu atual nome, com o nome no qual eu me sinto pertencente.

Decidi ir na Universidade e solicitar a alteração na chamada de presença com meu nome social. Uma mistura de sentimentos me envolvia no primeiro dia de aula, ansiedade, euforia, medo, alegria. Lembro como se fosse ontem, a profe Taís chamou meu nome, meu coração acelerado, as mãos suando e o rosto iluminado com um sorriso, eu falei presente. Eu me senti eu, como eu nunca jamais tinha sentido, agora a minha vida mudaria, pois eu sabia quem eu era, e mais eu me senti pertencente a minha própria história. Dedico à todas pessoas trans e travestis que possam ser quem são, sem medos, sem opressões, sem violências sejam elas quais forem. Desejo que possam ser e viver, serem donas da própria história de suas vidas.

*“Todo pensamento não dito ou vivido se torna inexistência e agrega maiores pesos no
existir do ser.”*

Atena Beauvoir

A OUSADIA DE SER E EXISTIR, “NÃO SEREMOS TEMAS DE TCC, TEREMOS OS NOSSOS”: A CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO CINEMA BRASILEIRO¹

Theodor Gonçalves Fonseca²

Claudia Buzatti Souto³

Universidade Franciscana, Santa Maria, RS

RESUMO

A comunicação bem como a publicidade é uma ferramenta que se propõe a disseminar (propagar) conteúdos, por esse aspecto é relevante entender que meios de comunicação exercem uma grande influência na sociedade. Levando isso em consideração, é imprescindível dar destaque de como a indústria cinematográfica tem representado personagens transgêneros no cinema brasileiro. Desse modo, o trabalho analisou duas obras que abordam temáticas trans: Vera (1986) e Alice Júnior (2019), sendo que a primeira apresenta a narrativa de um homem trans em meados da década de 80, e o segundo aborda a perspectiva de uma garota travesti nos dias atuais. A presente pesquisa teve como objetivo investigar a configuração desses personagens, utilizando como base de investigação uma metodologia de caráter qualitativo com a intenção de promover a reflexão no que tange o contexto do cinema brasileiro, instigando para uma transformação social.

Palavras-chave: cinema brasileiro; inclusão social; produção audiovisual; representatividade; visibilidade trans e travesti.

ABSTRACT

Communication, as well as advertising is a tool that aims to disseminate (propagate) content, so it is important to understand which means of communication exert a great influence on society. Taking this into account it is essential to highlight how the film, industry has represented transgender characters in Brazilian cinema. Thus the work analyzed two works that address trans themes: Vera (1986) and Alice Júnior (2019), the first presents the narrative of a trans man in the mid-80s, and the second addresses the perspective of a transvestite girl these days. This research aimed to investigate the configuration of these characters, using as a basis for investigation a qualitative methodology with the intention of promoting reflection regarding the context of Brazilian cinema, instigating for a social transformation.

Keywords: audiovisual production; Brazilian cinema; representativeness, trans and travestite visibility; social inclusion.

¹ Artigo resultante da disciplina Trabalho Final de Graduação II.

² Acadêmico do Curso de Publicidade e Propaganda - Universidade Franciscana. E-mail: theodorrr.zi.to@gmail.com

³ Orientadora. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana. E-mail: claudiabsouto@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

É importante e necessário dar destaque a assuntos que são comumente invisíveis por parte das instituições, assim como são relegados a ficar fora da pauta nas discussões sociais realizadas, como é o caso da questão relacionada a identidade de gênero. Um aspecto que merece ser ressaltado é o papel que o cinema historicamente tem de retratar elementos que permitem elaborar uma compreensão das dimensões sociais que compõem a sociedade em que vivemos.

Nesse contexto, os veículos de comunicação, especificamente a indústria cinematográfica e as produções audiovisuais brasileiras exercem um importante papel tanto na produção, quanto na reprodução de conteúdo. Por esse viés, Montoro (2013) indica que, “o uso da categoria gênero (como um conceito relacional) levou ao conhecimento de uma variedade de formas de interpretação, simbolização e organização das diferenças sexuais nas relações sociais e perfilou um discurso crítico que se espalhou também pelas ciências da comunicação audiovisual” (MONTORO, 2013, p.72).

Desse modo, optou-se por centrar o processo de análise em duas obras nacionais, “Vera (1986)” e “Alice Júnior (2019)”, que a partir de uma observação preliminar realizada ainda no período de elaboração do projeto de pesquisa, atendem aos interesses propostos, ou seja, permitem dar visibilidade à temática trans. No entanto, cada uma das obras identificadas se insere numa perspectiva diferente o que contribuí para fomentar a discussão em torno do tema central da pesquisa.

Ademais, o propósito do presente artigo foi ampliar a discussão, a partir dos filmes, com relação a questões que envolvem as narrativas dos personagens. Dentre os itens observados, estão: direito ao nome social com o qual o indivíduo se reconhece, bem como a autoidentificação com o gênero; respeito pelo uso de pronomes de acordo com a identidade de gênero, garantia e direito de utilizar o banheiro em instituições e lugares públicos, subjetividades acerca da sexualidade.

Dentro do citado campo de estudos sobre a temática trans, análises sobre os modos como travestis e transexuais são representados nos meios de comunicação são relevantes e necessárias, sobretudo, porque vivemos em um contexto no qual a visibilidade sociocultural e a visibilidade midiática se confundem (PIRAJÁ, 2011, p.9).

Alguns questionamentos devem ser destacados, como, por exemplo, a forma com que determinados conteúdos relacionados a temática da identidade de gênero e sexualidade estão

sendo reproduzidos pela indústria, de modo a compreender como estas narrativas são construídas. Além disso, uma questão fundamental de ressaltar é o fato do pesquisador ser um transexual⁴ e, portanto, ter as vivências da identidade construídas ao longo da vida, a presente pesquisa soma-se aos debates sobre o tema, principalmente como sugere o título do trabalho “não seremos tema de tcc, teremos o nosso”. Assim, é necessário o entendimento de que exercer protagonismo é um direito de todas, todes⁵ e todos, é nesse sentido que narrativas trans compartilhadas por pessoas trans garantem minimamente autonomia para que suscite a legitimidade das nossas vidas.

Como o trabalho aborda a representatividade acredita-se ser crucial exercer protagonismo, sob a narrativa e vivência de uma pessoa transexual, com a pretensão de dar visibilidade para as causas que permeiam as vidas trans. Desse modo, é importante destacar a necessidade do reconhecimento para além da inclusão de tais temas em produções, não obstante que deem visibilidade para que personagens trans e travestis sejam representadas/os somente por indivíduos que carregam a vivência de ser a/o trans, a travesti.

Nesse sentido, permitir o protagonismo nas histórias a quem de fato sinte na pele as situações explicitadas, para que sejam efetiva e qualificadamente representadas a partir de narrativas próprias como exigem os movimentos sociais da comunidade trans. É imprescindível, assim, que processos como o *transfake*⁶ que faz referência a interpretação de personagens trans e travestis estereotipados por artistas cisgêneros, não seja uma realidade (FAVERO, S. F.; MARACCI, J.G, 2018).

Segundo dados divulgados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, (ANTRA, 2020, online), paradoxalmente é o país que mais consome pornografia trans (REVISTA HÍBRIDA, online

⁴ “Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído em seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 17).

⁵ Todas, Todes, Todos e Todxs – Esses exemplos de uma linguagem “mais inclusiva”, que atende aos anseios da comunidade não-binária estão se tornando cada vez mais populares (principalmente na comunidade artística pela internet). Na prática, qualquer alteração em texto oficial depende de vários fatores gramaticais e populares. Alguns canais de comunicação acreditam que a linguagem não-binária se faz muito presente (e até com bastante ênfase), porém, ela tem sido um fenômeno específico das redes sociais. (JUNIOR, 2020 – retirada do site “Conteúdo portal de cultura e arte”), pode ser acessado através do link: <https://www.portalconteudo.com.br/post/todas-todes-todos-ou-todxs-como-usar-terminos-lgbtqi-em-releases>

⁶ Uma das principais bandeiras do Monart é naturalização dos corpos trans nas artes, para que deixem de ser questionados e que, como resultados isso ajude a reduzir a discriminação e o número de mortes no Brasil. Para isso, o movimento propõe uma pausa na prática do transfake [que consiste em pessoas cisgênero interpretando pessoas trans no teatro e no audiovisual] em todo o país. Pode ser acessado através do link: <https://queer.ig.com.br/2021-04-09/artistas-trans-se-reunem-em-grupos-para-superar-as-dificuldades-na-carreira.html>, acesso em: 15/05/2021.

2020) uma realidade que precisa ser considerada. Para tanto, é necessário entender que o contexto social e cultural foi construído ditando normas e padrões para gêneros binários, de modo que, indivíduos que não se encaixam nesses padrões pré-definidos, encontram-se em uma posição de subalternidade, ou seja, à margem da sociedade, além de todo preconceito e discriminação que essa população sofre apenas pelas suas existências. Atrelado a isso, é fundamental ressaltar a necessidade urgente na criação de leis que promovam a garantia de direitos da população LGBTQ+, bem como medidas de reparação para indivíduos que acometem a vida de outros sujeitos, motivadas por um discurso de ódio em razão da sua sexualidade ou identidade de gênero.

Sendo assim, faz-se necessário refletir acerca do contexto midiático, de modo a dar ênfase nas pautas de identidades trans e travestis abordadas nas produções. E com isso promover respeito e igualdade com a intenção de conscientizar a sociedade. O cinema é uma importante ferramenta para construções de narrativas, inclusive contra hegemônicas, o que permite ainda promover visibilidade a uma proposta que repense a abordagem até então utilizada e naturalizada, para que personagens transexuais e travestis sejam interpretadas/os por artistas que, de fato, sejam tais sujeitos.

Desse modo, é importante a realização de pesquisas que questionem o campo das produções audiovisuais com um olhar mais atento sobre a construção dos personagens trans no cinema brasileiro e como a representatividade desses sujeitos é exposta em cena. Por exemplo, se um homem que interpretará um personagem trans o é de fato, ou se será um ator cisgênero, o mesmo acontece no caso da personagem ser uma mulher trans e/ou travesti, se a interpretação será efetivamente feita por uma mulher cisgênera. Tais apontamentos reforçam a necessidade da problematização dessas construções de narrativas e reivindicação de lugar e espaço de fala, assim como a compreensão de como o cinema contribui para disseminar conteúdos que deem visibilidade para esses indivíduos que encontram-se, na maioria das vezes, à margem da sociedade.

Outro aspecto que merece ressalva para compreender às reivindicações da representatividade de personagens trans, se deve a um discurso patologizante de identidades transexuais sob a ótica da medicina. Segundo Favero; Maracci:

O chamado transfake pretende sensibilizar, recorrendo a uma ideia de que pessoas trans têm vidas marcadas por uma intensa infelicidade, herdada da tradição médica. Os grandes manuais de saúde, com destaque para a Classificação Internacional de Doenças 9CID - 10) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM - 5), estabelecem que as experiências trans são enfermidade, nas quais o sujeito precisa apresentar um quadro diagnóstico de aversão a si mesmo. E essa noção de repugnância ao próprio corpo e insatisfação subjetiva não se instala somente na área

da Saúde, mas vai influenciar também as Artes Cênicas (FAVERO & MARACCI, 2018, p.26).

Ao escolher as obras cinematográficas que fizeram parte do estudo uma das questões consideradas foi a representatividade relacionada com o período em que foram produzidas, dado que os filmes têm uma diferença temporal que precisa ser considerada. O longa-metragem “Vera” (1986) foi um dos pioneiros ao abordar a transexualidade masculina, entretanto a protagonista é interpretada pela atriz cisgênera Ana Beatriz Nogueira. Já “Alice Júnior” (2019) apresenta a história de uma jovem travesti no ensino médio. Uma obra contemporânea que tem como personagem principal uma atriz transexual Anne Celestino Mota.

Sendo assim, a pesquisa é focada na construção das narrativas dos personagens trans e travestis no cinema brasileiro, de modo a sugerir a reflexão para a importância da inclusão desses temas nos meios de comunicação. Portanto, foi elaborado o seguinte problema de pesquisa: de que maneira os personagens transexuais e travestis são apresentados nas obras audiovisuais “Vera (1986)” e “Alice Júnior (2019)”. De tal modo, o objetivo geral estabelecido foi investigar a configuração de personagens transexuais e travestis em obras selecionadas do audiovisual brasileiro, expostos no presente estudo. Logo, os objetivos específicos definidos são: a) identificar como é desenvolvida a narrativa dos personagens nos filmes analisados; b) analisar a questão da representatividade a partir dos personagens protagonizados nas obras; c) compreender como a identidade de gênero é abordada no cinema brasileiro através das obras selecionadas. Assim é preciso considerar que a presente pesquisa tem sua relevância justificada, em três vieses: pessoal, acadêmico e social – Pessoal e acadêmico, pois construí minha identidade trans no decorrer de dez anos e na metade do Curso (publicidade e propaganda) me assumi enquanto homem trans, alterando meu nome social. Ademais, acrescenta-se que essas temáticas são de extrema importância de serem trabalhadas e dialogadas nos âmbitos acadêmicos, porque é uma maneira das pessoas trans encontrarem e reivindicarem espaços, uma vez que tiveram esses lugares negados socialmente.

E ainda tendo como perspectiva a necessidade de urgência de elaborar as produções audiovisuais futuras para a inclusão e, principalmente, representatividade plena, onde pessoas transexuais e travestis possam ser protagonistas e não sejam submetidas a posições de subalternidade ou de estereotipação em nenhuma situação, especialmente no cinema brasileiro.

2. CONCEITOS SOBRE TRANSEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Entende-se dentro de um contexto social que indivíduos binários são homens e mulheres, portanto numa perspectiva de senso comum o sexo determinado no dia do

nascimento, assignaria que o gênero da criança é, ou macho, ou fêmea, logo essa pessoa será homem ou mulher. Pessoas transexuais e/ou travestis reivindicaram a imposição do gênero dito como o real, o verdadeiro. Nesse aspecto, construíram sua identidade, transcendendo ao gênero que lhe fora imposto, por exemplo: um homem trans, biologicamente nascera fêmea, não obstante a mulher trans ou travesti, nascera macho, portanto entende-se pela pessoa transexual ou travesti, aquela/e que rebelou-se a imposição do gênero biológico, e desse modo, construindo sua identidade de gênero com o qual se identifica - seja como homem e/ou mulher.

A transexualidade e outras experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. O sistema não consegue a unidade desejada. Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis, e ao fazê-los se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero; ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas (BENTO, 2008 p.38).

Em virtude disso, os estudos de gênero contribuem para gerar minimamente uma reflexão, sobretudo com a intenção de desmitificar questões atreladas a identidades e sexualidades, além de articular essas teorias com a pretensa ideia de suscitar movimentos de quebras de paradigmas. Ademais, é necessário aqui explicar que o indivíduo cisgênero é aquele que se identifica com o gênero que lhe fora determinado ao nascimento. Para entendimento cabe observar a definição proposta por Jesus (2012):

Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. [...] nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero. Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans (JESUS, 2012, p.10).

A partir dessa contextualização, é possível considerar que as informações contribuem de forma didática para o entendimento dos conceitos utilizados no presente estudo. Além disso, a autora ainda identifica que “sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente” (JESUS, 2012, p.8). Portanto, nessa perspectiva, cabe ainda compreender, a partir dos estudos de gênero, que “supondo por um momento que a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2019. p.26). A proposta das autoras vai ao encontro dos preceitos que norteiam a pesquisa evidenciando que a identidade de gênero, não é um fator pré-determinado

segundo a biologia, mas sim um elemento construído no decorrer da vida, de modo social e culturalmente formado.

Pode-se compreender desse modo que a sociedade é um mecanismo cultural e estrutural, do qual são ditados padrões e normas para serem seguidos, e o que foge disso é o inadequado, estranho, e está sujeito a ficar à margem. Vale ressaltar que sujeitos que não se encaixam nas exigências da sociedade sofrem opressões, violências físicas e psicológicas, além de outras formas de discriminação. Nesse viés se faz necessário a luta por políticas afirmativas que reconheçam as cidadãs e os cidadãos transexuais e travestis, para a garantia plena de seus direitos e sobretudo “vidas”.

Por essa perspectiva vale considerar um ponto de extrema urgência no que tange o uso do nome social, “o efeito provocado pelo uso do nome social no outro aponta para um duplo processo: de aceitação/reconhecimento ou de rejeição/negação. A aceitação e o reconhecimento pelo outro fortalecem a escolha feita, enquanto a rejeição ou negação pelo outro tolhe e cerceia o direito de ser” (REZENDE; MOREIRA, 2015, p. 61). Pode-se entender certas reivindicações dos movimentos ativistas em prol das vidas trans e travestis Antra⁷, bem como desmistificar termos e conceitos que são relacionados aos indivíduos da comunidade, é imprescindível destacar que o correto ao se referir a uma pessoa travesti, é sempre no feminino, bem como a travesti, sem artigos masculinos de cunho pejorativo.

Nesse sentido, faz-se necessário abordar as vivências de João W. Nery⁸, onde o autor expressa sua trajetória de vida enquanto homem trans há mais de 3 décadas, portanto ele apresenta da seguinte forma:

Quando entrei na adolescência, ainda não existia sequer o conceito de transexualismo. Eu me sentia um homem, com um físico inexpressivo, que não convencia ninguém. Eu não me via de forma alguma como homossexual, embora os outros assim o fizessem. Desconhecia outra “categoria”, na qual pudesse me enquadrar e tampouco sabia de pessoas iguais a mim. Sentindo-me um fenômeno único e sem o amparo de explicações, tratava uma batalha tenaz contra a marginalização (NERY, 2011, p.53).

Desse modo, articula-se a biografia da vida de Nery com a pesquisa, no sentido de esclarecer algumas demandas em comum acerca de um homem trans, cujo horizonte fará

⁷ A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), é uma rede nacional que articula em todo o Brasil 127 instituições que desenvolvem ações para promoção da cidadania da população de travestis e transexuais, fundada no ano de 2000, na cidade de Porto Alegre.

⁸ João W. Nery tornou-se referência nacional como ativista por direitos humanos e na luta pelo reconhecimento do transexual. Em 2013 foi apresentado um projeto de lei pelos deputados federais Jean Wyllys e Erika Kokay em seu nome, “Lei João W. Nery, Lei de Identidade de Gênero”, e, em 2018, Nery (*in memoriam*) recebeu o prêmio Direitos Humanos, concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos do Brasil.

recortes com a obra de “Vera 1986”, bem como apresentar as vivências de um sujeito trans para explicar certas subjetividades da narrativa do personagem. Sobretudo, como é imprescindível reforçar a necessidade desses temas nas mídias, isto é, com acuidade para evitar equívocos e mais, promover conteúdos que gerem reflexão utilizando, portando a comunicação como instrumento de empatia e respeito.

3. COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO PARA A SOCIEDADE

A comunicação de uma forma geral, mais especificamente a indústria cinematográfica, foco da presente pesquisa, evidencia-se como um dispositivo influente e formador de opiniões, sobretudo uma ferramenta que molda e/ou dita normas e padrões para a sociedade.

Comunicação, como fenômeno, seria isso que viabiliza entre seres humanos em sociedade, negociar suas ideias ou percepções “singulares” (de indivíduos ou setores sociais), em princípio “diferenciados”, objetivando um padrão de aceitabilidade que permita ao espaço social funcionar, seja para acordar objetivos, seja para fazer valer um sobre os outros, seja para decidir dos modos adequados de atingi-los (BRAGA, 2009, p.8).

Pode-se compreender o papel social e a dimensão política desse campo, visto que, é por meio da comunicação que dinâmicas individuais e/ou coletivas se consolidam, que agentes políticos se manifestam e incluem suas causas nas pautas cotidianas. Outra questão que merece destaque é o fato de que a sociedade se sensibiliza e se mobiliza em movimentos a partir do acesso à informação, para gerar conhecimento e mudanças sociais concretas. Inclusive, não tão somente em espaços civis, mas também institucionais. Daí a necessidade de reflexão no âmbito da comunicação, mais especificamente no contexto das produções cinematográficas. Compreende-se, portanto que a comunicação, em linhas gerais é a maneira de conectar as pessoas em uma sociedade.

Em virtude disso, é imprescindível os questionamentos que atravessam as pautas acerca de filmes que trazem temáticas trans para suas produções. A comunicação possui uma responsabilidade social, visto que, assim como pode ditar padrões e hábitos, também pode revê-los e desconstruí-los de modo a contribuir para uma sociedade mais plural. Portanto, é fundamental no que tange a narrativa dos personagens, compreender o papel do cinema para disseminar conteúdos de modo a contribuir com a naturalização de vidas trans. Sendo assim, pode-se entender segundo Martin (2011):

A propósito da imagem fílmica é possível, com efeito, falarmos de um conteúdo aparente e um conteúdo latente (ou ainda, de um conteúdo explícito e um conteúdo

implícito) sendo o primeiro direta e imediatamente legível e constituindo o segundo (eventual) o sentido simbólico que o diretor quis dar à imagem ou aquele que o espectador reconhece por si mesmo (MARTIN, 2011, p.104).

Desse modo, tais apontamentos reforçam à necessidade de articular ideias que promovam através do cinema, narrativas que abordem de forma humanizada a vida de sujeitos trans e travestis. É, portanto, a inclusão na sociedade que gera empatia, em síntese, trata-se de direitos e atividades sociais comuns a todos cidadãos, entretanto que muitas vezes são negadas as pessoas da comunidade trans. A fim de refletir acerca dos estudos que envolvem cinema atrelado à temática trans, com o intuito de ponderar a respeito da necessidade de abordar essas narrativas através das mídias.

A importância dos estudos sobre midiatização não decorre de uma suposta premissa de que a mídia se impõe como objeto empírico do campo de estudos em comunicação; mas sim do fato histórico de que estes processos (os midiáticos) se encontram contemporaneamente, desde há um século e meio, em fase de instauração, com potencialidade crescente para conformar as interações sociais (BRAGA, 2010, p.42).

Com base na proposta do autor, busca-se, portanto, caminhos que auxiliem na construção de produções audiovisuais que repensem seus conteúdos, de modo a compreender o impacto e nas consequências que isso gera nas instituições sociais. Sobretudo, que a comunicação, especialmente o foco desse estudo, a indústria cinematográfica brasileira, seja uma ferramenta de inclusão, de modo a dar espaço e visibilidade às narrativas trans frente às telas.

É importante considerar os dados acerca do consumo audiovisual dos brasileiros, a partir do estudo da Nielsen Brasil e parceria com a Toluna (2020, online). A pesquisa que considera o comportamento de 1.260 entrevistados das classes A, B, e C ao longo de quatro semanas, apontou ainda que 73,5% usam plataformas como Netflix, Amazon e GloboPlay, enquanto 63,8% consomem conteúdo de sites como You Tube e Vimeo. Além disso, 61,5% veem TV aberta e 54,9% assistem à TV a cabo. A preferência aparece de acordo com a faixa etária, sendo que as plataformas de streaming são as que possuem maior preferência entre os jovens. Cerca de 77,2% dos entrevistados entre 24 e 35 anos usam esses serviços. Já a TV a cabo é a favorita entre os expectadores com mais de 56 anos (65,7%), enquanto a TV aberta é assistida por quem tem de 46 a 55 anos (62,9%). Para acompanhar conteúdos de streaming, os brasileiros preferem as telas de TV (76,6%), seguidas pelos smartphones (64,8%) e pelos computadores (56,35).

Levando isso em consideração, a potência de alcance de produções audiovisuais percorre e atinge a sociedade. Não obstante, acredita-se que a comunicação no eixo do cinema

pode contribuir, tornando-se uma ferramenta de transformação inclusiva para além do mero entretenimento.

Portanto, segundo Xavier (2008):

Para mim, o cinema que "educa" é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é "passar conteúdos", mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável (XAVIER, 2008, p.15).

Em virtude disso, os estudos de comunicação que contextualizam a relação entre a mídia e as interações sociais, devem considerar também o conteúdo produzido pelo cinema. Pois, já foi apresentado que a população consome e muito conteúdos audiovisuais, no entanto o estudo considera ser relevante que o cinema se atente a expor com acuidade, quando abordar temáticas trans e travestis em suas produções.

4. A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO NOS ESTUDOS DE CINEMA

Em virtude, ponderar acerca de narrativas trans no contexto audiovisual, é uma forma de inclusão, sobretudo um meio que contribua num sentido de potencializar o protagonismo⁹. A partir dos estudos de comunicação que questionam os aspectos que abrangem as análises envolvendo cinema e televisão, de modo a relacionar essas narrativas aliado a aspectos que discutem os protagonismos e gênero.

Para efeito de análise, agrupamos a produção científica em quatro grandes áreas: estudos do protagonismo de gênero no cinema e televisão; estudos do sujeito receptor e a experiência com o cinema e televisão; estudos do corpo, gênero e consumo na produção audiovisual; novas tecnologias e mídias interativas e estudos de gênero. Estas categorias aproximativas foram construídas pela frequência e recorrência dos trabalhos cartografados nesta pesquisa. Dado o volume, para este artigo limitado a comentar dissertações e teses sobre os estudos de cinema televisão com recorte no estudo do protagonismo de gênero dentro da perspectiva de análise fílmica ou da mensagem audiovisual (MONTORO, 2009, p.7).

Sendo assim, é importante observar que esses estudos, contribuem no sentido de permitir o entendimento da questão de gênero relacionada ao cinema, a partir das diferentes categorias propostas pela autora. Tendo em vista tais acepções é possível perceber a importância da discussão e reflexão sobre os discursos hegemônicos cisnormativos, tidos como universais e verdadeiros, mais especialmente no contexto da indústria cinematográfica brasileira.

⁹ Um exemplo disso é o fato de a cantora e compositora Liniker interpretar a personagem Cassandra como protagonista na série "Manhãs de Setembro", da Amazon Prime Video, que será veiculada em 140 países, a partir do dia 25 de junho de 2021. Informação disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-06-21/liniker-estreia-como-atriz-em-manhas-de-setembro-serie-que-reflete-sobre-transexualidade-e-filhos.html>, acesso em 23/06/2021.

Nesse aspecto, o Movimento Nacional de Artistas Trans (MONART)¹, publicou uma carta-aberta para todos os artistas cisgêneros. O acordo é:

1- Que vocês parem AGORA de nos representar (estanquem esta sangria) por no mínimo 30 anos. Vocês (homens) brincam com o feminino desde que o teatro é teatro, 30 anos não é nada. 2- Que substituam atores cisgêneros representando papéis trans por artistas trans (e nos incluam dentro dos processos artísticos). 3- Que nos incluam efetivamente nos seus coletivos, grupos, filmes, peças... 4- Que pesquise de fato nossas vivências, vocês nos retratam de qualquer maneira, sem respeito nenhum. 5- Cansamos de servir apenas (aliás queremos parar de servi-los) como experimentos cênicos e acadêmicos, queremos ser corpos sujeitos. E sabem o que vai acontecer ao final de 30 anos? Nós vamos parar de morrer. Vão parar de nos matar. Simples assim. Ao final deste acordo, temos a certeza que este país deixará de ser campeão em assassinatos de pessoas trans, não teremos como segunda causa de morte o suicídio, nossa vida média não será mais de 35 anos, como é hoje. E sabem por quê? Porque nossas identidades, corpos e presenças serão naturalizadas e humanizadas nos espaços de poder, passará a ser uma identidade legítima, verdadeira, real e palpável, e é só a partir daí, nascerá o afeto, o conhecimento, o entendimento e a empatia (CULT, 2018, p. S/N).

Além disso, Carvalho (2018, online) no seu manifesto em carta-aberta, utiliza o termo *blackface* para uma releitura sobre o *transfake* que pode ser um entendimento de forma resumida como uma interpretação de um ator/atriz cisgênero representando um personagem transexual. Dessas acepções, as reivindicações de movimentos sociais e artistas trans e travestis brasileiros/as vem ao encontro com os anseios desse estudo. Sobretudo, porque somente a representatividade e o protagonismo de indivíduos trans e travestis em cena, é que deverão culminar no reconhecimento dessas identidades.

Com o intuito de analisar, a representação de personagens transexuais em filmes brasileiros, o debate em torno dessas temáticas é sob a pretensão de instigar reflexões. É nesse sentido, que os debates sobre protagonismo e cinema se atravessam, pois enquanto as produções de filmes e séries ausentar-se de contratar artistas trans e travestis, continuará a reproduzir o *transfake*, de modo a fortalecer estereótipos na mídia.

A dimensão educativa, entendida no sentido formação (valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório) permeia toda a experiência do cinema e está, ainda que de modo implícito, presente nos debates sobre os filmes, pois mesmo a reivindicação mais radical de um cinéfilo pela "autonomia" do campo e seus rituais específico já pode ser vista como expressão de um tipo muito particular de formação em que o cinema fica reduzido à educação para o próprio cinema e seu imaginário (XAVIER, 2008, p.15).

Ademais, é fundamental o papel do protagonismo no contexto em que se insere esse estudo, de forma a promover a cidadania e respeito de indivíduos trans e travestis, através do cinema. Desse modo, é importante ressaltar, segundo Moraes (2018, online):

Eu digo não ao transfake e assumo o posicionamento político junto ao MONART – Movimento de Artistas Trans em prol das vidas trans contra a violência simbólica, psicológica e física que a invisibilidade de nossos protagonismos nas mídias causam. Representatividade é para mim, tornar visível meu olhar, corpo e arte, na possibilidade de me reconhecer e ser reconhecida (MORAES, 2018, online).

Por essas acepções, é imprescindível que o cinema contemporâneo, repense suas produções e seja um instrumento que valorize a arte e cultura. Mas, sobretudo, que desses enijos dê voz a narrativas trans e travestis nas produções audiovisuais. É nesse sentido, que partem as reivindicações à cerca do *transfake* em cena.

Dessa forma, o protagonismo que se aborda trata-se, portanto, de fomentar às discussões de identidade de gênero, mas acima de tudo que esse protagonismo integre nas suas obras indivíduos transgêneros. Por esse caminho, o cenário audiovisual pode auxiliar numa projeção futura para conscientizar na humanização de personagens trans e travestis em filmes e séries, bem como promover o direito e respeito da comunidade trans, através das produções audiovisuais.

5. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa pode ser definida como sendo de natureza qualitativa, pois segundo Goldenberg (2005), tal abordagem pode ser caracterizada da seguinte forma "os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social" (GOLDENBERG, 2005, p.49). Outro aspecto que merece destaque nas proposições da autora, é com relação a importância do entendimento do significado da situação em si, a partir da compreensão da representatividade daquilo que é observado, sem generalizações.

O presente estudo foi construído através da perspectiva de pesquisa exploratória, este tipo de investigação, segundo Gil (2010), tem como intenção proporcionar maior familiaridade com o problema que norteia a pesquisa. Desse modo, a utilização do tipo de pesquisa contribuiu para o levantamento bibliográfico, assim como a realização das análises dos filmes elencados inicialmente, no sentido de estimular a compreensão e possibilitar responder o problema proposto da pesquisa.

Além disso, tem-se como fundamentação metodológica a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977, p. 44.) pode ser compreendida e definida como "Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Em virtude disso, para a realização da pesquisa, levou-se em consideração os aspectos indicados pela autora mencionada, para obtenção do material necessário, para a realização da análise.

A estrutura da pesquisa consiste em quatro (4) cenas coletadas do filme “Vera” (1986) e cinco (5) cenas de Alice Júnior (2019), de modo a suscitar a compreensão da semelhança e distinção entre as narrativas das personagens nos dois filmes. Sendo assim, desenvolveu-se três categorias de análise, utilizando como base os conceitos de Butler (2019), Bento (2008), Nery (2011), Braga (2010), Xavier (2008), Favero e Maracci (2018), Jesus (2012), Montoro (2009), Rezende e Costa (2015) e Martin (2011). Para tanto, na etapa das categorias, optou-se por analisar as características socioculturais: a) reivindicação das personagens na trama pelo direito ao nome social, bem como reconhecimento da sua identidade e prenomes; características psicológicas: b) construção das narrativas acerca do corpo trans; e características simbólicas: c) garantia e direito de utilizar banheiros públicos, de acordo como a personagem se auto identifica. Sobretudo, para efeito de esclarecimento acerca do processo das análises levou-se em consideração o caráter da natureza de pesquisa qualitativa.

O reconhecimento da especificidade das ciências sociais conduz à elaboração de um método que permita o tratamento da subjetividade e da singularidade dos fenômenos sociais. Com estes pressupostos básicos, a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a ‘descrição densa’ dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica’ (GOLDENBERG, 2005, p.50).

Desse modo, as análises foram realizadas tendo como base as cenas principais dos filmes em que as narrativas apresentaram questões relacionadas a: nome social e pronomes, direitos e reconhecimento da identidade trans e sexualidade. E para a realização do estudo foi utilizada a metodologia que compreende a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), de modo a suscitar a compreensão das mensagens em virtude das cenas apresentadas.

6.3 “Vera”, Meu nome é Bauer!

O longa Vera (1986, 85min) dirigido por Sérgio Toledo, conta com a narrativa de um homem transexual que busca seu lugar e espaço na sociedade durante a década de 80. Não por coincidência o filme foi inspirado na biografia de Anderson Herzer autor do livro “A queda para o alto”¹⁰. Interpretado pela atriz cisgênera Ana Beatriz Nogueira, o personagem que leva

¹⁰ Anderson Herzer, foi um escritor e poeta transexual brasileiro.

o título do filme “Vera”, reivindica constantemente na obra que o reconheçam e o chamem como Bauer. O personagem é um jovem órfão e pobre, inserido num contexto de uma instituição para jovens infratores, semelhante à antiga FEBEM, que tinha como objetivo a ressocialização dos menores infratores, no entanto na prática funcionava como um ambiente hostil e violento. Ao completar dezoito anos, Bauer sai do reformatório e, com o auxílio do professor Paulo (interpretado pelo ator Raul Cortéz), o personagem tem a oportunidade de recomeçar a vida fora da instituição.

Bauer vai ao trabalho vestido com terno e gravata, suas vestimentas provocam olhares dos colegas que denunciam seu preconceito por vê-lo vestido assim, desse modo ele é oprimido pelos demais por se vestir da forma como se sente confortável. A partir disso, na **imagem 1** Bauer é questionado pelo professor Paulo, que exige explicações dos motivos pelo qual estava vestido de tal forma. Visto que os colegas incomodaram-se com a aparência dele, exigindo por essas razões a transferência de Bauer do setor da biblioteca. **Na imagem 2** o personagem se explica e desabafo dizendo que consertará seu sexo com uma cirurgia, de modo a se tornar um homem de verdade. Ainda na narrativa de Bauer, ele reforça que não é o que todo mundo pensa (por conta da sua imagem feminina), revela que é diferente, que é outra coisa. Por essa perspectiva, é necessário compreender que “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza” (BUTLER, 2019, p.27). Por essa perspectiva, a questão em relação ao gênero como o personagem de Bauer se auto percebia, era constantemente refutado, fosse o que tangencia-se seu nome, suas vestimentas ou sua sexualidade.

Quadro 1 - Cena 1 – Desabafo de Bauer ao professor.

Imagem 1: Professor Paulo pede explicações Bauer.	Imagem 2: Bauer revela ser homem.
	
Fonte: Youtube	

Desse modo, é necessário levar em conta na análise os aspectos socioculturais, que permitem refletir sobre a questão que envolve a vestimenta, pois para a época (década de 80) conotariam como roupas masculinas, tendo em vista que Bauer se reconhece enquanto homem, em contraponto no filme ele somente é visto como uma mulher vestindo terno e gravata. A respeito das características psicológicas, Bauer expressa sua angústia e sofrimento por não ser compreendido, muito menos reconhecido como um homem. Questão que para o personagem reforça constantemente seus conflitos acerca da sua identidade. Portanto dessa maneira pretende investir esforços em cirurgias de modo a corresponder com seu gênero.

No início do filme, logo que Bauer é apresentado ao novo emprego na biblioteca, ele vai a uma exposição de artes na instituição, lá conhece Clara (Aída Leiner) e à partir disso começam uma relação de afeto que é construída no decorrer da história. A princípio Clara não concebia a ideia de que Bauer era um homem, não obstante insistia em sua narrativa de convencê-lo que ambos eram iguais, como mulheres. Desse modo, os aspectos de análise socioculturais e psicológicos acabam por convergirem, pois fica evidente na **imagem 3** que Bauer refletindo sua imagem no espelho tenta se conformar com a situação para permanecer na relação com Clara. Entretanto, como é possível observar na cena apresentada na **imagem 4**, o personagem tenta resistir, mas Clara ousa dissuadi-lo a tirar a faixa que cobria seus peitos.

Essa cena contribui num teor simbólico que perpassa o aspecto psicológico, pois Bauer têm um enorme desconforto em se despir para a namorada, de modo que as marcas do corpo representam incongruências com o que ele sente ser. A narrativa do personagem é ilustrada no que Nery (2011, p.203) descreveu em sua biografia, ao revelar que evitava se relacionar sexualmente com sua mulher, embora a desejasse, porém a evitava porque sentia-se insuficiente com seu corpo. Além disso, vale destacar o que tange a comunicação com o intuito de contribuir sob a ótica da narrativa de Bauer. Segundo Braga (2010) “os diferentes gêneros televisuais ou cinematográficos são núcleo de outros tantos dispositivos interacionais - propiciando lógicas peculiares de comunicação - na relação usuária dos produtos, nos processos de produção ou nas interações sociais sobre os produtos.” (BRAGA, 2010, p.49)

Por essa perspectiva, é necessário desse modo articular que os meio de comunicação, bem como o cenário audiovisual, alimenta interações sociais dos seus produtos, logo o consumo dos filmes e séries. Nesse sentido, a análise da narrativa do personagem apresentada vem ao encontro do que o autor aborda, pois se o filme reforça em demasia que o personagem precisa recorrer a cirurgias para legitimar seu gênero como real e/ou verdadeiro, desse modo os

dispositivos interacionais propiciam lógicas, além de influenciar com conteúdos equivocados com efeito na sociedade.

Quadro 2 -Cena 2 – Relacionamento afetivo de Bauer com Clara

Imagem 3: Clara chama Bauer para se deitar com ela	Imagem 4: A namorada tenta convencê-lo a se despir
	
Fonte: Youtube	

Sob o ponto de vista de Bauer, é inconcebível relacionar-se com a namorada, posto que o corpo denunciava o feminino que ele sempre renunciou, levando-se em conta com o gênero que o personagem se autopercebia, em suma masculino. Na narrativa do filme, em nenhum momento se é abordado termos relacionados a transexualidade e afins, por essas acepções Bauer sofre com a própria existência trans. Desse modo, Bento ressalta “para além das narrativas biográficas, a própria existência trans coloca o projeto de disputa de novos projetos para a humanidade em outros termos. Daí se pode inferir que o momento do pleno reconhecimento das pessoas trans na categoria cidadania representará que novos significados foram gestados” (BENTO, Berenice. p.180, 2014)

Após o conflito com Clara que culminou numa interpretação de término, Bauer sai caminhando aflito sem rumo pelas ruas e busca refúgio na casa do professor Paulo. Nesse diálogo o personagem expõe sua dor e sofrimento, uma representação de crise existencial. Para Butler (2019, p.63) “as produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de ‘sujeitos’ que não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível”.

Embora seu tutor tente de diversas formas motivá-lo a estudar e trabalhar com seus poemas, Bauer se conforma com a situação desprovido de qualquer esperança. Há um aspecto na construção da narrativa que é imprescindível de destacar, isto é, no decorrer do filme tanto o professor quanto sua namorada, começam a chamá-lo de Bauer, ao invés de Vera, todavia os

pronomes são sempre proferidos no feminino. Pode-se inferir nesse sentido que o personagem tem a sua identidade questionada pelos demais, embora o nome social seja reconhecido não é o suficiente para garantir-lhe autonomia enquanto sujeito.

Dessa forma, Preciado apud Resende; Moreira (2015), argumenta que o nome social para pessoas trans contribuiu para um dismantelamento da norma do sistema dominante, de modo a operar como um mecanismo de resistência política. Todavia, ter o nome social não basta para ter sua identidade de gênero reconhecida. Nas características de aspecto psicológico, durante o diálogo com o professor Paulo, Bauer desabafa que está cansado da situação que se encontra, não obstante se retira para o banheiro. A demora causa um suspense e o professor se preocupa com o jovem, ao tentar constata-lo a porta se abre como na **imagem 5** e Paulo se espanta ao ver Bauer, na **imagem 6** em silêncio Bauer aos poucos vai levantando a cabeça, na **imagem 7** Bauer mostra suas mãos com sangue.

Quadro 3 - Cena 3 – Bauer mostra o sangue para o professor

Imagem 5: O professor abre a porta Do banheiro	Imagem 6: Bauer levanta o rosto	Imagem 7: Bauer mostra as mãos com sangue
		
Fonte: Youtube		

A sequência da cena apresentada é pungente, pois representa um aspecto de característica simbólica, fato que sugere a possibilidade de mutilação da vagina ou o sangue da menstruação. Como análise subjetiva dá-se por considerar que o sangue denunciaria portanto um registro biológico. Sob a narrativa de Bauer que sugere simbolicamente o sangue como sua menstruação, Nery (2011) expõe da seguinte forma, “Não me lembro do que aconteceu depois. Só sei que vivi numa angustiante expectativa de quando isso iria realmente acontecer. A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira ‘monstruação’. A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava. Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que felizmente, não podia ver” (NERY, 2011, p.46).

Em virtude da ambiguidade da cena exposta, pode-se inferir o trânsito das duas possibilidades do sangue de Bauer. Para tanto, Martin (2011) explica que a imagem fílmica, com

efeito é um conteúdo aparente e um conteúdo latente, podendo ser um conteúdo explícito ou um conteúdo implícito, de modo que o primeiro é imediatamente legível. Logo o segundo (eventual) o sentido de que o simbólico posto que o diretor quis dar à imagem ou também acerca de como o espectador reconhece por si mesmo esse conteúdo.

Quadro 4- Cena 4 – Sofrimento de Bauer.

Imagem 8:	Imagem 9:	Imagem 10:
		
Fonte: Youtube		

Sem encontrar uma solução para sua vida, Bauer, conforme é possível observar em caráter subjetivo na narrativa do filme, vaga pelas sombras em desalento e silêncio sem perspectiva de um futuro. Segundo Martin (2011, p.204), o silêncio é uma característica elementar num aspecto dramático, através dessa narrativa Bauer sucumbe ao vazio de sua existência. Na **imagem 8** pode-se notar o desespero de Bauer, caracterizado pelas suas expressões, refletido nos televisores, na **imagem 9** aparecem as sombras do personagem e na **imagem 10** culmina com o choro para representar seu sofrimento. A sequência é encerrada com um breve monólogo do personagem: “sempre temi olhar para dentro de mim e não encontrar senão, um profundo silêncio, mas agora eu sei que apesar de tudo, não há outro caminho possível”.

No que tange as análises de aspecto psicológico, Bauer sofre constantemente por não se sentir pleno com seu gênero, os reflexos dos televisores devolvem apenas sua imagem, as sombras na luz mostram a silhueta do personagem, de modo a revelar viver um vazio existencial, por não conseguir se tornar quem é, muito menos ser reconhecido enquanto homem. Sendo assim, Butler (2019), ressalta que,

Nos limites desses termos, “o corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero (BUTLER, 2019, p.30).

Assim, o desfecho que deve ser considerado como cruel para Bauer, dado que o personagem é reprimido diversas vezes na trama, seja em relação ao seu nome, gênero ou sexualidade. Dessa forma, é possível compreender sob o ponto de vista psicológico do personagem, que ele aceita o triste destino, pois é um corpo estranho e invisível para a sociedade.

6.4 Alice júnior, youtuber, modelo e travesti.

A produção da obra “Alice Júnior” (2019, 87min) é um filme teen LGBTQ+ sob a direção de Gil Baroni, protagonizado pela atriz Anne Celestino Mota, mulher trans que interpretou a personagem de Alice Júnior na obra, uma adolescente trans de 17 anos. A personagem conta a história de uma jovem nordestina que passa seu tempo produzindo conteúdo no seu canal do *Youtube*, aborda sobre o seu processo de transição, conversa com os internautas e tira dúvidas de muitas pessoas que se sentem um sujeito trans.

Alice, planejava um encontro com um *crush* no cinema para o seu primeiro beijo. No entanto, durante uma gravação para o seu canal no *Youtube*, seu pai Jean, comunica que vão ter que se mudar para Araucárias do Sul, no outro lado do país para que ele possa estudar a essência de uma planta e criar a composição de um novo perfume. A partir da mudança de estado, para o interior do sul do país, Alice Júnior irá enfrentar diversas obstáculos e preconceitos no caminho, por conta da sua identidade de gênero na nova cidade.

Quadro 1 - Cena 1 – Lino reprime Alice no intervalo da escola.

Imagem 1: Lino avisa que não vai ser amigo “do travesti” do ensino médio.	Imagem 2: Alice protesta, dizendo que é A travesti do ensino médio.
	
Fonte: Netflix.	

No primeiro dia de aula numa escola tradicional, Alice se depara com situações constrangedoras, a diretora impõe que ela use uniformes masculinos, e sobretudo desrespeita seu nome social chamando-a somente pelo nome de batismo, mesmo que a personagem reivindique em sua narrativa que a chamem de Alice Júnior, bem como o título do filme. Por essas acepções relacionadas a questão do nome social, pode-se inferir a importância de políticas públicas que resguardem o direito de pessoas trans e travestis nas escolas.

Nesse sentido, ressalta-se que o uso do nome social no contexto escolar aparece no filme como dificuldade, caracterizando a resistência da instituição em respeitar e reconhecer as diferenças de cada sujeito. Apesar das diversas normativas de legalização do uso do nome social existentes no Brasil, a práxis educativa ainda se distancia muito do texto prescrito, reforçando a urgência de um monitoramento das políticas públicas educacionais brasileiras, para além da elaboração e implementação das mesmas (RESENDE ALVES; IGNEZ COSTA. 2015, p.64).

A sequência das cenas mostra que durante o intervalo Alice nota Lino nas escadas desenhando sozinho e chama-o para conversar, entretanto é recebida com hostilidade, ademais como apresenta a **imagem 1** Lino reforça que “eles” não são iguais, tampouco que ele pretende em tom pejorativo ser amigo “do travesti” da escola. Para tanto, os critérios de análise socioculturais denotam o que nas instituições bem como na sociedade, para ‘ser’ é necessário ‘parecer’. Alice, manifesta sua indignação e corrige com afronta o colega, dizendo que não é “o travesti”, e sim “A travesti do ensino médio”, como ilustra na **imagem 2**.

Assim, é imprescindível destacar, conforme Jesus (2012), que “o termo travesti é antigo, muito anterior ao conceito de ‘transexual’, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em sentido pejorativo, como sinônimo de ‘imitação’, ‘engano’ ou de ‘fingir’ ser o que não se é” (JESUS, 2012, p.16). A personagem de Alice é uma

mulher trans, no entanto a menina faz questão de autoafirmar-se como: a travesti, em virtude de um aspecto social e político.

Quadro 2- Cena 2 – Colega proíbe Alice de usar o banheiro feminino

Imagem 3: Alice vai ao banheiro.	Imagem 4: Colega proíbe Alice de usar o banheiro feminino.
	
Fonte: Netflix.	

Após a sirene tocar para a volta a sala de aula, Alice procura o banheiro para se aliviar como apresenta a **imagem 3** contudo uma colega de sala de aula a impede de usar o banheiro feminino, intimidando a jovem avisando que não gosta de “meninos usando o banheiro das meninas”, de acordo com a **imagem 4**. Essas cenas contribuem para ilustrar a representação no aspecto de características socioculturais, pois é evidente o incômodo da colega com a presença da personagem usando o banheiro feminino, não obstante expulsa a colega do espaço que é um local que todos/as deveriam ter o direito de usar.

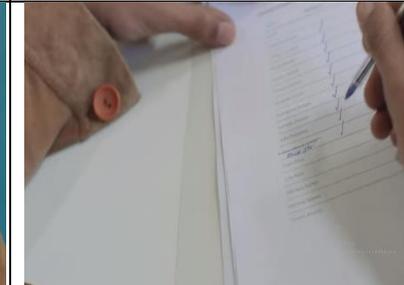
Assim sendo, essa cena permite apresentar como Alice é violentada e oprimida por tentar ocupar espaços de uso comum, a problemática estabelecida se deve ao fato de ser uma jovem travesti. Rezende e Moreira (2015), articulam da seguinte forma a questão,

analisando sob esse ponto de vista, a negação do uso do banheiro aos estudantes trans pode estar situada num interstício entre a violência na e da escola, uma vez que as posições de gênero são aprendidas dentro e fora da escola. Nesse sentido, é fundamental implementar políticas públicas que possibilitem a todos o direito ao uso com segurança das instalações sanitárias públicas na escola (REZENDE; MOREIRA. 2015, p.65).

Tendo isso em vista, a narrativa de Alice contribui para fomentar as discussões acerca das demandas trans com o intuito de garantir direitos legítimos para essa população. De acordo com Xavier (2008), é fundamental um cinema que se preocupe em educar a sociedade para além de filmes com propostas de entretenimento. Sobretudo, a narrativa do filme, apresenta a história de uma adolescente travesti no ensino médio tendo que enfrentar diversas situações

opressoras por ser quem ela é. Por esse aspecto, o enredo contribui para gerar reflexão nos telespectadores sobre a temática trans.

Quadro 3 -Cena 3 – Professor chama Alice pelo nome social e inclui na lista de chamada

Imagem 5: Alice responde seu nome durante a chamada da presença	Imagem 6: O professor olha para a aluna ao responder a presença	Imagem 7: Inscrição do nome social na chamada escolar
		
Fonte: Netflix.		

Ainda em fase de adaptação na nova escola em Araucárias do Sul, Alice dá um jeito de personalizar seu uniforme de modo a ficar o mais feminino e confortável para ela. No contexto escolar há diversidades em relação ao seu nome social, pois majoritariamente professores e professoras a chamam pelo antigo nome, não respeitando e sobretudo violentando-a simbólica e psicologicamente. Há uma mudança no decorrer do filme, de modo que o único professor que compreende a situação de Alice, é o professor de história. Ele nota que se trata de uma aluna trans e age com empatia e respeito chamando-a pelo nome social e incluindo na lista de chamada como apresentado respectivamente nas imagens 5, 6 e 7. No aspecto de características socioculturais fica explícito o contentamento da personagem em responder a presença na aula, ao contrário dos outros professores que insistem em chamá-la pelo nome de batismo, corroborando por estigmatizar sujeitos trans.

Segundo Rezende e Alves (2015) a questão do nome social produz efeitos secundários, seja de modo individual ou social. Pois, a identidade da pessoa está sendo colocada em “xeque”, de modo que o/a professor no âmbito escolar respeitar o nome social do/da aluno trans favorece minimante para a inclusão e sobretudo ao respeito à diversidade. Ademais é importante atentar-se para um aspecto importante na narrativa do filme, pois a personagem de Alice Júnior é interpretada pela atriz trans Anne Celestino Mota. Dado que é um cuidado fundamental nas produções para evitar a reprodução do *transfake*. Favero e Maracci, explicam da seguinte forma:

Assim sendo, compreendemos que as pessoas trans, em grande parte por estarem sujeitas a protocolos que questionam seus gêneros há pelo menos quatro décadas, como foi ilustrado pelos guias de desordens mentais, acabam sofrendo um processo

de descredibilização. São vistas como menos mulheres ou menos homens, menos reais ou menos autênticas, podendo ocasionar essa busca por uma representação fiel a quem são (FAVERO; MARACCI. 2019, p.32).

Em síntese, a questão abordada pelos autores fomenta a discussão em torno da problemática relacionado ao *transfake*, no sentido de que esses guias de desordens mentais inculciam uma deslegitimação de identidades trans. Atrelado a isso, corroborando para reproduzir estereótipos e estigmatizar homens e mulheres trans e/ou travestis no cinema. Portanto, o destaque na representatividade da atriz Anne Celestino é imprescindível, pois favorece para quebrar paradigmas no audiovisual.

Quadro 4 - Cena 4 – Colegas de Alice tiram os biquínis em apoio a colega durante à festa

Imagem 8: Alice é jogada propositalmente na piscina por Guilherme.	Imagem 9: União das meninas com Alice na piscina.
	
Fonte: Netflix.	

Alice é convidada por uma colega a ir em sua festa *poolparty*, com direito a um acompanhante, ela então leva sua amiga e colega Viviane (Thaís Schier), uma amizade que foi construída desde o primeiro dia de aula. Todo o pessoal da turma de Alice foi convidado para a festa, Taísa (Surya Amitrano), pergunta à beira da piscina se a amiga não entraria na água, e ela responde que não, pois não estava de biquíni e sim de enchimento. No decorrer dessas cenas, Alice brinca com Viviane comentando que se estivesse tocando *Gaga* a festa não estaria tão *flopada*, entretanto de longe Guilherme e outro colega observam atentamente a menina, é válido ressaltar que o rapaz sempre implicou com a personagem por ela ser diferente.

O que acontece a seguir é que os dois garotos tiram sua blusa e jogam Alice na piscina, como mostra na **imagem 8**. No contexto de análise relacionado aos aspectos socioculturais, nota-se a dificuldade em as pessoas aceitarem o diferente, o respeito prescinde de um fator elementar na legitimação dos indivíduos, portanto Alice é sabotada pelo colega, pela ausência de empatia e respeito do garoto. Por outro lado, nas características de análise socioculturais em conjunto com análise psicológicas da personagem percebe-se uma mudança no desenrolar da

trama, como apresenta a **imagem 9**. Após o fatídico golpe do colega em tentar humilhar e constranger Alice derrubando-a na piscina. Em virtude do fato, todas as garotas da sua turma se unem, jogando-se na piscina sem biquínis em manifesto e apoio a Alice. Desse modo, é possível identificar na perspectiva dos autores estudados que:

Embora se esteja problematizando a categoria ‘mulher’, como um sujeito do feminismo, essa é uma perspectiva que aponta caminhos para compreender como a representação é uma estratégia que surge como inclusiva, em sua mais diversas esferas, mas que também pode promover determinados tipos de exclusão, dado que os domínios de representação possuem fronteiras (BUTLER 2015 apud FAVERO; MARACCI. 2019, 20).

Sendo assim, sempre alguém fica de fora quando a situação faz referência a inclusão e a necessidade de observar a diversidade. “Sob tal perspectiva, questiona-se a identidade “mulher”, dentro das disputas políticas, se ela seria capaz de articular categorias de união para os sujeitos do feminismo.” (FAVERO; MARACCI. 2019, p.20). Além disso, conforme Montoro (2013), esse panorama que faz recortes da questão de gênero no audiovisual e cinema, auxilia no aspecto de representação e protagonismo do feminino nos meios de comunicação.

Em detrimento dos fatos ocorridos na festa da piscina, todas as meninas da escola se uniram por direitos e igualdade de gênero, na questão do banheiro da escola, incluíram panfletos com dizeres “banheiro feminista”. Por consequência do movimento das meninas em desconstruir um sistema precário que alimenta preconceitos e segregações, uma das colegas de Alice avisou que para usar o banheiro “tem que ter sororidade”¹¹, ou seja, todas elas, sejam mulheres cis ou trans, têm o direito de utilizar o banheiro feminino.

Após o desfecho das reivindicações das garotas, Alice anuncia que está voltando para sua cidade natal, para a despedida oferece uma festa na sua casa com todos seus amigos e amigas da escola. No início do filme, a personagem fica chateada com o pai por saber que se mudariam de cidade, levando em conta também que Alice pretendia ir ao cinema com seu *crush*, pois ela esperava ansiosa pelo primeiro beijo.

¹¹ Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete o sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres. [Do latim soror, 'irmã + -(i)idade.] Pode ser acessado através do link: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>

Quadro 5- Cena 5 – Primeiro beijo de Alice.



Primordialmente, Alice sempre manifestou atração por meninos, tanto que sem querer durante uma brincadeira na festa de despedida, beija Bruno, namorado de Taísa. A amiga se chateia com a situação e incomodada corre para o banheiro, Alice vai atrás e tenta explicar que não teve a intenção de beijá-lo. Inesperadamente Taísa rouba um beijo de Alice, como mostram respectivamente as **figuras 10, 11 e 12**. A respeito das características de análise simbólica, o beijo de Alice representa algo importante para ela, pois é nítido como ela expressa esse sentimento do primeiro beijo como retrata a cena.

É necessário ressaltar que gênero, de acordo com Jesus (2012), é a forma como a pessoa se identifica, seja como homem ou mulher, por outro lado para não haver confusões de conceitos, a sexualidade se refere de como o indivíduo se atrai afetivo sexual por alguém, uma dimensão não depende da outra.

Sobretudo, após o fim da festa, ao amanhecer do dia, as amigas que Alice conquistou no decorrer do filme sendo eles: Lino, Viviane, Bruno e Taísa, se reúnem para contemplar o pôr do sol e se despedir da amiga com carinho. Por essa perspectiva, Alice Júnior encerra o filme com a seguinte mensagem:

o mundo é mesmo uma confusão sem tamanho. Só sei que cada um de nós deixa um pedacinho que seja por onde passa. E um pouquinho de amor sempre pode regar uma semente prestes a semear. Dizem que não importa o quão longe estamos, somos sempre responsáveis por levar felicidade dentro da gente, para onde quer que a gente vá. Araucárias do Sul, mesmo em sua pequenez, me deu a certeza de que eu posso enfrentar o mundo. Não importa o que você é, mas quem. E para chegar nessa conclusão, a gente precisa se deixar "Trans-bordar"!¹²

¹² Fala da personagem Alice Júnior no filme.

Em virtude do desfecho de Alice, é fundamental destacar que a sua narrativa contribuiu de modo simbólico através do filme, embora a personagem tenha enfrentado preconceitos e discriminações por conta da sua identidade de gênero. A mensagem de Alice é potente cuja existência se transbordou dado o fato que a jovem conquistou seu espaço e lugar no mundo, bem como reconhecimento e direito enquanto uma identidade trans.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, o presente estudo teve como foco nos seus objetivos investigar a configuração de personagens transexuais e travestis nos filmes brasileiros: “Vera” (1986) e “Alice Júnior” (2019), principalmente nas narrativas do personagem de Bauer do filme um analisado, por abordar a questão da vida de um homem trans, e a segunda personagem de Alice, sob outro ponto de vista, de uma jovem travesti no ensino médio.

Para responder ao problema de pesquisa “de que maneira pessoas transexuais e travestis são apresentadas nas obras audiovisuais Vera – 1986 e Alice Júnior 2019, foram analisadas 4 cenas do filme “Vera” e cinco cenas de “Alice Júnior”, desse modo foram incluídas 3 categorias de análises, sendo elas: aspecto socioculturais: a) reivindicação das personagens na trama pelo direito ao nome social, bem como reconhecimento da sua identidade e prenomes; características psicológicas: b) construção das narrativas acerca do corpo trans; características simbólicas: c) garantia e direito de utilizar banheiros públicos, de acordo como a personagem se auto identifica.

Sendo assim, conclui-se que na produção de “Vera” (1986) identificou-se que a narrativa do personagem de Bauer, estava carregada de espectro de opressão, em virtude de que ele não se identificava como mulher, e sim como homem, embora sua aparência implicasse num feminino, o personagem sempre reivindicou seu espaço, tanto em relação ao nome (posto que o filme preferiu dar o título de Vera e não de Bauer), quanto sua identidade de gênero, logo como homem. Todavia, o desfecho do filme representou um triste fim de silenciamento e invisibilidade do personagem.

Em contraponto, na produção de “Alice Júnior” (2019), a narrativa da personagem é bem potente, no sentido que Alice conquista seu espaço e lugar enquanto a travesti, embora passe por diversas dificuldades e preconceitos somados pela sua identidade de gênero, a jovem conquista seus direitos e é reconhecida enquanto mulher trans pelos demais personagens. O desfecho do filme agrega num aspecto social, pois a identidade de Alice é reconhecida, além disso contribuiu para mostrar que sujeitos trans e travestis também têm finais felizes.

É ainda necessário considerar que, a narrativa de Bauer tem um aspecto negativo, no sentido de que o personagem nunca alcança reconhecimento, seja num aspecto social ou até mesmo na perspectiva pessoal. De modo análogo a personagem de Alice embora passe por percalços no decorrer do filme, ela conquista seu espaço e reconhecimento. Com relação a questão da representatividade à partir dos personagens protagonizados, é necessário destacar mais uma vez que em “Vera (1986)” quem interpretou o personagem foi a atriz cisgênero Ana Beatriz Nogueira, o que fomenta a discussão acerca do *transfake*. Ao contrário do filme de “Alice Júnior (2019)” que priorizou abarcar essa temática e a partir da interpretação da atriz trans Anne Celestino Mota, que está no papel da personagem de Alice.

Como o propósito do estudo foi analisar a configuração de personagens trans e travestis no cinema brasileiro, é imprescindível destacar a importância e a repercussão que se têm quando o personagem é de fato um artista que realmente tenha essa vivência. Essa situação é importante no momento em que a luta pela inclusão de pessoas trans e travestis, em diferentes cenários, é legítima e necessária. E por isso precisa ser levada em consideração quando for abordada em filmes, séries, novelas ou outros produtos audiovisuais.

Entretanto, a intensão não é desconsiderar em momento algum a profissão de ator ou atriz, mas sim promover uma inclusão importante através do compartilhamento de uma vivência de maneira mais fidedigna. E isso precisa ser uma preocupação, visto que no mercado de trabalho pessoas trans e travestis são preteridas por serem quem são, nas artes a luta pelo protagonismo é motivo de reivindicação legítima para ocupar os espaços.

Em virtude das questões discutidas no presente artigo, é necessário observar de maneira crítica as produções de audiovisuais, tendo em vista que isso fará toda diferença para o/a artista trans protagonista e para a pessoa trans que assistir, não obstante para a sociedade porque contribui para o respeito e a empatia. Desse modo, acredita-se que as produções galgaram simbolicamente uma posição na sociedade, para que a *transfobia*¹³ não seja mais uma realidade de modo a contribuir minimamente para o direito de ser e existir. Portanto, é nesse sentido que a comunicação poderá fortalecer como mecanismo de transformação para uma sociedade mais diversa e plural.

¹³ [...] as pessoas transgêneras são desqualificadas e violadas por uma atribuição de gênero biologizante, com a qual não se identificam. A partir do simbólico, a violência física passa a ser também a expressão material da violência de gênero, que pretende a violação da integridade física ou a supressão da vida, acompanhada da inflição de dor e sofrimento. O conceito de violência transfóbica pode ser lido no conceito mais amplo em que se insere, a violência de gênero, acrescentando-se a especificidade das vítimas - pessoas transgêneras - e os modos frequentemente cruéis pelos quais se manifesta ((PODESTÀ, 2019, p.367).

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edição 70, LDA. 1997.
- BAMBA, Mahomed. A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos / Mahomed Bamba.- Salvador: EDUFBA, 2013.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRAGA, José Luis. **Comunicação é aquilo que transforma linguagens**. Revista Alceu, 2010.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/17ª ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. – 17ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P., & PINHEIRO, M. M. K. **Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**. Informação & Sociedade, 24(1). 2014. Disponível <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10000>> Acessado em 3 de maio de 2020.
- CULT. **Carta aberta do Movimento Nacional de Artistas Trans para todos os artista cisgênero**, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/carta-aberta-do-movimento-nacional-de-artistas-trans/> 9 de maio de 2020.
- DE FREITAS, Alexander. **Representações da transexualidade no cinema contemporâneo: diferenças e repetições**. Bagoa - Estudos gays: gênero e sexualidade, v. 7, n. 10, 11.
- FAVERO, S.F.; MARACCI, J.G. **TRANSFAKE E A BUSCA PELA VERDADE NA REPRESENTAÇÃO DE TRAVESTIS E PESSOAS TRANS**. Vol.01, N.04, Out. -Dez., 2018. Disponível em <http://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/158/111> Acesso em 04 de dezembro de 2019
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GIORDANO, Davi. “Entrevista com Renata Carvalho”. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102. Disponível em <<http://performatus.com.br/entrevistas/renata-carvalho/>> Acesso em 15 de maio de 2020.
- GOVERNO FEDERAL: **Garantia da utilização do nome social para as pessoas travestis e transexuais**, 2016. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Folders/cartilha_nome_social.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** / Mirian Goldenberg. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceito e termos**/Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

MÍDIA NINJA: **Atriz trans é premiada em filme brasileiro e questiona o 'transfake'**, 2018. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/maria-moraes-a-atriz-trans-de-manaus-e-premiada-em-filme-brasileiro-e-critica-o-transfake/>>. Acessado em: 3 de junho de 2020.

MONTEIRO, Gabriela. **Narrativas em disputa: desmantelando o sujeito universal e demarcando pontos de partida: O que é lugar de fala?** Revista Interterritórios. Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru. 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/intertorios/article/view/236747/29406>>

MONTORO, Tânia. Protagonismos de gênero nos estudos de cinema e televisão no país. In: **Lumina – revista do programa de pós-graduação em comunicação**, vol.3, n.2. Juiz de Fora: UFJF, dezembro de 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21034>> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

MORETTIN, Eduardo. “**Ver o que aconteceu**”: **Cinema e História em Griffith e Spielberg**. Revista Galáxia, São Paulo, n22, p.196-207, dez. 2011. Disponível em<<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/6975/6072>> Acesso em 20 de maio de 2020.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. **Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios**. Revista de Administração Contemporânea, 15(4), 731-747. 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>>. Acessado em: 20 de maio de 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL: **OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais, 2019**.

Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/oms-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais/>>. Acesso em: 1º de junho de 2020.

NERY, João W. **Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois**. São Paulo: Leya, 2011.

PINHEIRO, Anna Caroline de Moraes. **A representação de transexuais e travestis no cinema brasileiro**. 2014. 88f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PIRAJÁ, Tess Chamusca. **Das calçadas à tela da tv: representações de travestis em séries da Rede Globo**. 2011. 192f., il. Dissertação (Programa Multidisciplinar de pós-graduação em cultura e sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador 2011.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MARTINS, Daniel Arruda & ROCHA, Leonardo Tolentino Lima. In: Bagoas: Estudos gays, gêneros e sexualidades, vol. 3, n. 4, p. 209-232. **“O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional”**. 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2304>>

RESENDE ALVES, Cláudio Eduardo; IGNEZ COSTA MOREIRA, Maria. **«Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras»**. *Quaderns de psicologia. International journal of psychology*, [en línea], 2015, Vol. 17, n.º 3, pp. 59-69, <https://www.raco.cat/index.php/QuadernsPsicologia/article/view/303189> [Consulta: 19-05-2021].

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação é pesquisa: projeto para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hackers Editores, 2001.

STREAMING:87% dos brasileiros veem vídeos e filmes em plataformas semanalmente. Cnn Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/09/25/streaming-87-dos-brasileiros-veem-videos-e-filmes-em-plataformas-semanalmente>>. Acesso em: 04, de julho de 2021.

VERA-Filme (1987) (Cinema Nacional). **Quanta Centro de Prod. Cinemat. Iliá, Ana Maria Warchavchik, Celso Lafer**. YouTube. 5 jun. 2013. 87min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aucDTieG4S4>> Acesso em 3 de maio de 2021.

XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

XAVIER, Ismail. **Um cinema que “Educa” é um cinema que (nos) Faz Pensar**. Educação e Realidade. 33(1): 13-20. Jan/jun 2008. Disponível em <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/6683/3996>> Acessado em 28 de abril de 2020.